

Houve uma época em que qualquer homem poderia ficar olhando tristemente por uma janela ou resmungar com sua mulher ou sair batendo porta ou ir apenas dar um passeio solitário, sem ser seguido por bandos de parentes, todos eles armados de alguma espécie de “Psicoterapia” caseira. Foi uma época em que nenhum de nós esperava que os outros vivessem dando demonstrações de serem pessoas “Bem Ajustadas”.

Foi uma época, em suma, que ainda tínhamos o bom senso de compreender que amargura, o desespero (e até mesmo o fracasso), eram normais, que as rugas entre marido e mulher ou entre pais e filhos eram inevitáveis, que nem todo mundo estava fadado (por Deus, pelo destino ou pela bioquímica) a ser feliz o tempo todo. Uma das características da sanidade mental é precisamente a capacidade de ser infeliz quando os fatos nos obrigam a isso – sem desculpas ou racionalizações.

Mas tudo mudou. Hoje os partidários do “Tudo bem” proclamam que a amargura é desnecessária e até antinatural. Passamos a ter medo de sermos considerados “Neuróticos” e somos agora atormentados pelos eufóricos otimistas que se dispõem a nos “Ajudar”.

Isso é novidade na experiência humana. Há apenas 40 anos ninguém questionava nosso direito de sermos infelizes. A felicidade era considerada uma bênção, não uma garantia. Permitiam-nos sofrer dor, aborrecimentos ou solidão sem que tivéssemos de ser analisados ou discutidos. Hoje, no entanto, um aborrecimento, é um “sintoma” o fracasso deixou de ser fracasso. Passou a ser um sinal de “desejo inconsciente de fracassar”. Já não temos sentimentos, mas somos escravos das “motivações”.

Achamos que não cometemos erro ao dizer que nunca houve tanta gente, sabendo tão exatamente o que há de errado com os outros. A atmosfera social está carregada do jargão dos diagnósticos e exortações terapêuticas. Até mesmo nossos amigos confundem nossa amargura com uma doença e atribuem simples desprazeres a terríveis distúrbios.

Não nos compreendam mal. Não estamos criticando a psiquiatria e a psicanálise como tais. cremos que elas são úteis no tratamento e na cura dos que realmente são doentes. Estamos apenas investindo contra clichês segundo os quais se você não estiver irradiando felicidade é porque há alguma coisa errada, e contra a idiotice segundo a qual qualquer pessoa que tenha ido ao psicanalista ou lido três livros sobre o assunto está autorizada a dizer quem é ou não é neurótico, e que poderes mágicos devem ser invocados para curá-lo.

O equilíbrio e o bom senso são, sem dúvida, melhores que qualquer psicologia apressada. A certeza de que esse aborrecimento vai passar, de que certas coisas apenas precisam de tempo e de que nem tudo precisa ser explicado costuma ser mais eficiente que essas intrometidas missões de “salvamento”.

Todos temos sido levados a acreditar que temos o dever de “Compreender”. Isso é tolice. Há muitas coisas sobre os outros (mesmo aqueles que conhecemos bem) que nunca a compreendemos. É suficiente saber que todos somos às vezes irracionais, petulantes, infantis e injustos. O porque é menos importante que tentar impedir que os outros sofram por nossa causa.

Quase sempre os jovens confundem a nossa idade com sabedoria e maturidade, e nos pedem conselhos. Em vez de enfileirar os truísmos adquiridos com as nossas experiências,

## A INFELICIDADE NÃO É DOENÇA

oferecemos ao marido ou mulher que não conseguem por causa do “conflito ou depressão” de um ou do outro apenas isto: “continue amando-a (ou amando-o) e deixe-la (ou deixe-o) em paz por algum tempo. Não se intrometa no seu problema, não quer dizer que ele (ou ela) a (o) odeie a sogra, ou que devia ser arrastado para o divã.

Todo ser humano deve reconciliar-se com a sua imperfeição. Devemos abdicar daquele sonho infantil de que há quem seja feliz para sempre. A vida, até mesmo para os mais bem “ajustados”, envolve deveres e rotinas desagradáveis.

A felicidade é coisa rara, e a beatitude (salvo em momentos passageiros) é uma invenção dos poetas, a que se agarram os verdadeiros neuróticos. Se perdêssemos menos tempo tentando ser “felizes” talvez descobríamos as infundáveis recompensas e recursos daquele eu interior que sabe aceitar os desapontamentos e as frustrações e que se dá tão bem com a contemplação.

### SÍNTESE

No sistema universal apenas as expressões Matéria, Espaço e Energia? A que plano pertencerá a expressão Vida? E a que outro plano pertencerá a expressão Consciência? Parece evidente que existe um Universo Ignorado, que não pode submetido à apreciação dos mesmos métodos, pelos quais estudamos o Universo Conhecido. O próprio tempo que foi considerado como uma expressão absoluta não é hoje uma relação de Matéria e Espaço? A Matéria em última análise, não é uma manifestação de Energia? Quando isso se dá no Universo Conhecido (a permanente revisão dos métodos e das concepções) como aplicar os métodos do Mundo Tangível nos planos de uma natureza diferente? E se no próprio Mundo Conhecido ainda não pudermos explicar o Mistério da Vida e da Consciência, como podemos negar o que está além desses mistérios? É ridículo como muitos, depois de haver, pela astronomia devassando os átomos, e pela histologia devassado as células perguntam: Onde estão Deus e o Espírito?. Isto é pretender um Infinito Finito e um Absoluto relativo. É confundir os planos do Universo.

Nossa Instituição proclama os planos do Universo.

Como consequência lógica a existência do Homem.

Cremos na inteligência humana, na aspiração do espírito e na capacidade de ação do Homem.

Não somos Ecléticos: Realizamos a Síntese.

### POSTURA

Por ser impróprio, passaria por ridículo, qualquer pessoa que freqüentasse praias, campos, piscinas e quadras de esporte, envergando traje social completo, da mesma maneira que não é impróprio trajar-se de bermudas tomara-que-caia, bustiês, camisetas e indumentárias outras do gênero, para freqüentar-se reuniões doutrinárias, celebrações do culto, encontros e congressos quaisquer, de natureza religiosa.

Os imperativos do bom-tom são mais importantes que os imperativos da moda!

**QUEM CAMINHA DESCALÇO,  
NÃO DEVE SEMEAR ESPINHOS!**